



José Cardoso Pires

FORA DE JOGO

No liceu, só era escolhido para alinhar nos jogos de futebol quando trazia a bola de casa. Se assim não fosse, ficava como suplente inconformado, a ver os andorinhas de calção a percorrerem em voo razante as quatro linhas do campo com voltinhas caprichadas e fintas de muito engano, o que, havemos de concordar, ainda carregava mais a minha humilhação.

Dos seleccionados obrigatórios, a figura de

À mesa do admirável Cândido de Oliveira, no Café Nicola, em Coimbra, aprendi certa noite muitas das corrupções e prepotências com que o dirigismo político tornava vassalo o desporto-rei. Estávamos sob Ditadura, era o caso. Uma Ditadura que, na inauguração do Estádio Nacional, apregoara aos quatro ventos que na Rússia não havia futebol, Deus lhe perdoasse, enquanto que por cá os campos desportivos eram mais que muitos e os jogadores, mesmo contra o marcador, ganhavam sempre moralmente.

proa era o Carlos Pinhão, que aí pelos dezasseis anos se tornou o craque indiscutível das competições do fim da tarde, quando a turma, ensonada pelas aulas de Organização Política e pelas pregações de Moral e Educação Cívica do padre Penico Vidrado, vinha desabafar para o pátio ao chuto e ao contra-ataque. No Carlos Pinhão de calções admirava (com despeito, mas enfim) a

alegria do seu jogar e só muito depois, como leitor das crónicas e das reportagens que ele publicava n'“A Bola”, compreendi que muita da beleza da sua escrita me lembrava a imaginação com que o vira trabalhar o esférico nos anos da nossa recruta liceal.

Aquilo de me arrumarem fora de jogo nos meus tempos do Gil Vicente custou-me a digerir e fez de mim um desportista de bancada e de tertúlia para o resto da vida. Passei a encarar o estádio como um espaço semiótico ou pouco menos e, quando apareceu “A Bola” tornei-me seu leitor atento e regular, como aconteceu com muito boa gente. “A Bola”, empenhada num jornalismo em rebeldia com o país censurado, era uma referência sublinhada nas minhas conversas com Carlos de Oliveira ou com Ruy Belo, entre a chávana de café e a crítica do Gaspar Simões no Suplemento Literário do “Diário de Notícias”. Lá de tempos a tempos aparecia o Joaquim Namorado, que só descia de Coimbra e da redacção da “Vértice”, rua das Fangas, para acompanhar a briosa Académica na sua cruzada pelos estádios do país. Com ele, o futebol era outro, desenvolvido numa sintaxe do relvado que tinha a ver com o vanguardismo universitário da Lusa Atenas, que lançara a revolução do “Novo Cancioneiro” e dos “Novos Prosadores”. Com ele ou com outros companheiros de letras, falávamos de futebol numa espécie de desabafo quase secreto, um prazer que não queríamos de maneira nenhuma identificado com a alienação em que o Estado Novo procurava transformá-lo.

O tom era esse. À mesa do admirável Cândido de Oliveira, no Café Nicola, em Coimbra, aprendi certa noite muitas das corrupções e prepotências com que o dirigismo político tornava vassalo o desporto-rei. Estávamos sob Ditadura, era o caso. Uma Ditadura que, na inauguração do Estádio Nacional, apregoara aos quatro ven-

tos que na Rússia não havia futebol, Deus lhe perdoasse, enquanto que por cá os campos desportivos eram mais que muitos e os jogadores, mesmo contra o marcador, ganhavam sempre moralmente. Era um tempo misterioso, aquele: os árbitros tinham sempre razão. Havia atletas do relvado que, nos intervalos, jogavam como informadores da polícia política e um internacional de primeira grandeza que, em fim de época, foi transferido para inspector-carrasco da PIDE.

Para esclarecimento de todos nós, não há dúvida que faz falta uma análise histórica do futebol que tivemos durante o regime corporativo. Daquele que agora praticamos, vamos sabendo alguma coisa pela imprensa e interrogamo-nos muito mais sobre os negócios fabulosos que o envolvem. Hoje o que faz correr a bola conta-se a peso de ouro num país de baixo rendimento nacional, bem sabemos, mas nem por isso ela é a miragem que entorpece a nossa vivência social.

Não. O mundo de agora é outro e o futebol também. Os russos, ao que parece, já o praticam menos mal depois da advertência que lhes foi feita na inauguração do nosso Estádio Nacional e, para felicidade do Benfica, até nos mandaram um jogador que o salvou na hora própria do encontro com o Boavista. Também já não estamos no tempo em que ganhávamos sempre moralmente, valha-nos isso. Ganhamos pouco, é verdade, mas com o relvado povoado de estrangeiros, que não entram em campo, como os nossos, a fazer o sinal da cruz, nem outra coisa é de esperar. Além disso, agora não é a política que se abate sobre os clubes, mas os directores dos clubes que se levam para a política.

Adiante. Tudo isto e muito mais dá que pensar ao cidadão que se senta na bancada ou diante do televisor. A mim faz-me recordar Carlos Pinhão e a pureza com que ele se entregava à bola nos meus tempos de liceu. ●